

EUCARISTIAS De 19 a 24 de outubro de 2026

DIA	HORA	LOCAL
Quinta	18h00	Ribeira Seca
Sexta	18h00	Ribeira Seca
Sábado	18h00	Er.^{da} S.^{to} António
	19h00	Fajã dos Vimes
Domingo	10h00	Biscoitos
	11h00	Ribeira Seca
	12h00	Calheta

PENSAMENTO DA SEMANA

Não deixes que termine o dia sem teres crescido um pouco,
sem teres sido feliz, sem teres aumentado os teus sonhos.
Não te deixes vencer pelo desalento.
Não permitas que alguém retire o direito de te expressares,
que é quase um dever.
Não abandones as ânsias de fazer da tua vida algo extraordinário.
Não deixes de acreditar que as palavras e a poesia podem mudar o mundo.
Aconteça o que acontecer a nossa essência ficará intacta.
Somos seres cheios de paixão.
A vida é deserto e oásis.
Derruba-nos, ensina-nos, converte-nos em protagonistas da nossa própria história.
Ainda que o vento sopra contra, a poderosa obra continua:
tu podes tocar uma estrofe.
Não deixes nunca de sonhar,
porque os sonhos tornam a pessoa livre.

Walt Whitman

ZONA PASTORAL NASCENTE

Calheta - - Ribeira Seca - Biscoitos - Fajã dos Vimes - Portal

Pe. Manuel Santos Teles. 295416484 Telm. 917633096 e-mail: padrematas@gmail.com

Carta Familiar

BOLETIM INTERPAROQUIAL ANO XXIV SERIE II Nº 1279 18.10.2026

A esperança de sermos compreendidos

Gostamos que gostem de nós. Na maior parte dos casos, esse desejo é sinal de que somos carentes, de que precisamos da atenção e do afeto dos outros para nos sentirmos completos e realizados.



Hoje, até chamamos amigos a pessoas com quem apenas temos contacto, mas sabemos, no fundo, que ser amigo de verdade é muito mais do que ter uma ligação no mundo virtual.

Por trás dessa confusão entre contacto e amizade está o desejo de não estarmos sós. É um desejo profundo, que corresponde a uma íntima e imensa necessidade de abraços que nos acolham, de quem nos aceite, compreenda e goste de nós como somos.

Claro que a responsabilidade também passa pela ilusão que criamos e alimentamos. Uma grande ilusão é o princípio da desilusão. Importa saber sonhar e moderar o desejo de que gostem de nós.

Depois, costumamos esconder as nossas facetas mais sombrias e complexas, enquanto sonhamos que os outros gostem, ou pelo menos aceitem, também aquilo que, por medo de sermos rejeitados, escondemos deles...

Connosco anda sempre uma esperança secreta de que possamos ser compreendidos pelos outros, mais ainda por aqueles que nos são próximos.

O maior problema desta atitude é que, na ânsia de procurar compreensão, não tentamos sequer compreender os outros: nem os próximos, que julgamos conhecer já muito bem, nem os estranhos, de quem muitas vezes a aparência nos basta para julgar que sabemos quem são.

Seria bom que aprendêssemos a olhar e a escutar o outro, sobretudo aquele que nos é próximo, com atenção e respeito, partindo sempre do princípio de que tudo quanto julgamos saber acerca dele não é, nem de perto, suficiente.

José Luís Nunes Martins

MEDITAR

Aprendamos a devolver a Deus o que é dele

Temos sempre necessidade de pertencer a alguém. Somos todos como a moeda romana que mostram a Jesus: “Divo Tibério”, “Pertencço ao divino Tibério, filho de Augusto”. E a quem pertencço eu? Talvez às coisas, aos poderes fortes, ao pensamento dominante, ou aos meus sonhos, aos vínculos vitais, ao amor que sinto e que, a Bíblia me garante (cf. 1 João 4,16), é “Deus que ama em mim”?

Os pró-imperialistas de Herodes e os independentistas do Sinédrio fazem a Jesus uma daquelas perguntas contundentes que fazem crescer a audiência e dividem os espectadores: mestre, tu que és livre e dizes as coisas como elas são, que relação tens com César, com o poder?

A resposta de Jesus é perspicaz: como é seu costume, diante de perguntas maliciosas ou capciosas, leva os ouvintes a outro nível, surpreendendo-os com uma dupla mudança de perspectiva.

Primeira mudança: substitui o verbo “pagar” por “restituir”: dar, restituir a César o que é de César.

Viver é restituir a vida, que vem de antes de nós e vai para além de nós. Vivemos para retribuir amor a quem nos fez e nos faz viver com amor. Como respirar: acolher e retribuir, não se pode reter, é pura dádiva. “Recebeis, doai, ao doar ter-me-eis de novo”, escreve o antigo livro do Rig Veda.

Segunda mudança de perspectiva: Jesus põe em jogo a sua visão e a sua força profética, cortando claramente a ligação entre as duas palavras gravadas no dinheiro: o divino Tibério. César não é Deus, Tibério não é divino. Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. Neste ponto Jesus para, não nos substitui, não nos isenta da responsabilidade de usar a nossa inteligência para avaliar, escolher, decidir quais são as coisas de César, quais são as coisas de Deus.

Restitui a Deus o que é de Deus: a terra e tudo o que ela contém é de Deus (Dt 10:14). César também pertence a Deus. Cada pessoa tem gravada a inscrição profética: “Eu pertencço ao meu Senhor”, “tem escrito na sua mão: eu sou do Senhor!” (Isaías 44.5).

Cada um é uma pequena moeda de ouro, em alto relevo, a imagem e semelhança de Deus, encimada por uma dedicatória sagrada: “Eu sou de Deus”. Cada um é um talento enviado ao mundo, para dar frutos e depois devolvê-los ao bem comum. Mas sem os perder: “doando-me, os receberei de novo”.

Entrando assim no circuito do dom que Jesus estabelece em vez da posse. Não acumulação, mas restituição; não as portas blindadas sobre os meus haveres, mas a sua circulação nas veias do mundo. O homem vive uma vida doada. Primeiro recebida e depois restituída.

Ermes Ronchi

Um Caminho sempre novo

O Evangelho não pretende contar-nos simplesmente a vida de Jesus, um galileu do século I. Não quer narrar o que aconteceu num determinado momento, nem se reduz a uma crónica dos factos.

O Evangelho é, antes, um apelo ao despertar. A sua finalidade — aquilo a que verdadeiramente se propõe — é que acreditemos e que, «acreditando, tenhamos Nele vida». Por isso, não nos podemos aproximar do Evangelho em busca de respostas fechadas, como se fosse um receituário para a felicidade.

Não há receitas.

A fé não é uma resposta: é um caminho.

A fé é quase uma pergunta,
e crer é o gesto de responder a esse anseio.

É como apaixonar-se: não se encontra uma resposta pronta, mas um caminho novo, inesperado, cheio de vida e novidade.

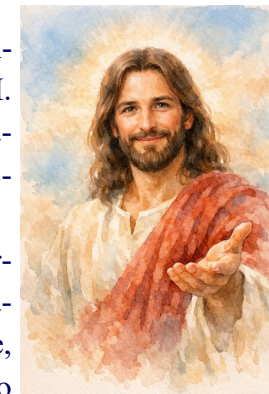
Os Evangelhos foram escritos para nos «apaixonar», para nos desinstalar e lançar num caminho sempre novo.

Se acreditamos, amamos...

então damos passos,

entramos na Vida eterna,

na Vida plena.



Comunidade de Monjas Trinitarias

INFORMAÇÕES

RECEITAS

Festa de N^a Sr.^a da Boa Viagem - **Portal** 1.615,00€ (arrematações).

Festa de N^a Sr.^a do Socorro - **Biscoitos** 1.111,00€ (arrematações).